

INTRODUÇÃO

## OS SACRAMENTOS E A CONTEMPORANEIDADE DE CRISTO

A breve antologia sobre os sacramentos ora apresentada é um guia precioso para a vida cristã. Por um lado, evidencia o cerne da reflexão teológica de Bento XVI; por outro lado, manifesta a sua sensibilidade pastoral, que convida e acompanha os cristãos nos sacramentos, a única fonte que pode alimentar e tornar fecunda a sua vida de fé.

O conceito de sinal subentendido na perspectiva que tem dos sacramentos o teólogo e pastor Joseph Ratzinger/Bento XVI apoia-se num dos eixos do seu pensamento: o equilíbrio da relação entre natureza e graça, fé e razão, no pensamento e na vida do crente. Na primeira metade do século XX, sob a influência da chamada teologia de escola que predominava nas universidades de Roma, a tónica era colocada principalmente na razão, confiando o sobrenatural a uma espécie de hiperunânio<sup>NT</sup> que afasta-

---

<sup>NT</sup> Ou mundo das ideias, conceito platónico segundo o qual as ideias imutáveis e perfeitas, apenas alcançáveis pelo intelecto, existiriam numa região não física para além do céu.

va Deus da vida do Homem, do quotidiano da sua existência. Em meados do século XX, o padre Henri de Lubac operou uma viragem arrojada no pensamento católico. Partindo da redescoberta dos Padres da Igreja, o teólogo jesuíta ficou em condições de demonstrar que o sobrenatural se coloca no centro da vida, é o dom da graça trazida por Cristo, o chamamento à salvação que Ele dirige a cada homem. Apesar das enérgicas oposições, o novo sentir católico teve uma ampla aplicação na vida da Igreja pós-Vaticano II. Graças ao Professor Gottlieb Söhngen, Ratzinger entrou rapidamente em contacto com o pensamento de Lubac, adotou-o e desenvolveu-o com originalidade, mantendo-se sempre atento para não cair no extremo oposto, o de um misticismo que se esquece do convite para estar «sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça» (1Pe 3, 15). Se a filosofia tende para a compreensão da realidade, do mundo em que o homem é chamado a viver, a teologia convida a dirigir o olhar para o Deus da misericórdia que, escutando o clamor do povo oprimido, atravessou as nuvens do não-conhecimento, deu a conhecer o seu nome e o seu rosto, prometeu proximidade e auxílio no caminho da vida. O teólogo Ratzinger expôs esta visão de uma forma particularmente brilhante logo na *lectio magistralis* proferida no início do seu *iter* académico na Universidade de Bona. A seguir aprofundou-a de uma forma ainda mais convincente no seu mais famoso livro, *Introdução ao Cristianismo*, e retomou-a ainda nas suas obras de cunho pastoral *Introdução ao Espírito da Liturgia* e *Jesus de Nazaré*. Segundo Ratzinger, a filosofia e a teologia são chamadas, portanto, a fazer um caminho comum, uma pesquisa especulativa que nunca poderá considerar-se acabada neste mundo, porque é intrínseca à própria natureza do Homem. Quando esta colaboração entre razão e fé está ausente, ou uma das duas prevalece excessivamente sobre a outra, o próprio Homem entra em crise, a sua dignidade e a sua grandeza ficam em risco. Aliás, ainda segundo Ratzinger, este cruzamento entre a realidade mundana e o sobrenatural é evidenciado por Jesus através dos sinais que manifestam a vontade benevolente de Deus na obra, desde logo no momento da Criação. Aqui Ratzinger faz uma especial

referência ao matrimônio, o sacramento instituído no próprio dia da Criação. Deus deixaria outros sinais, através do chamamento e da promessa a Israel, pelos quais a história do Homem se tornaria uma história de salvação. Por fim, foram ainda os sinais a tornar manifesto, visível e presente o Evangelho da graça trazido por Jesus. Por outro lado, os sinais adquiriram o seu máximo poder de santificação e de transformação da vida do crente depois da Morte e Ressurreição daquele a quem trespassaram o flanco de onde saíram sangue e água, na origem da Igreja e de todos os sacramentos da vida cristã.

Estamos assim perante outra característica da perspectiva que tem dos sacramentos o Papa Bento: a sua origem em Cristo, na sua vida e na sua morte na Cruz, na Ressurreição que faz entrar na vida em Deus. Através dos sacramentos, os fiéis tornam-se discípulos de Jesus, seus companheiros no caminho da vida, testemunhas do seu amor, da sua vontade de doação. Um aspeto que é sublinhado de forma particular pelo Papa Emérito é o da contemporaneidade. Como é que um acontecimento da graça que ocorreu há mais de 2000 anos pode continuar a interessar o homem contemporâneo? Responde o Papa Bento: «a Ressurreição de Jesus não é passado, porque, com a sua Ressurreição, Jesus saiu do passado para o que permanece, elevou-Se ao que é perpétuo. O Ressuscitado acontece hoje, acontece quando podemos tocá-l'O e assim entrar já no Dia da Ressurreição que nunca mais passará, que não conhece o caso, porque n'Ele acabou qualquer outra morte» (cf. *infra*, homilia «A Luz da Vida»). São sobretudo os sacramentos da iniciação cristã (o Batismo, o Crisma, a Eucaristia) que realizam a contemporaneidade de Cristo. Os outros sacramentos respeitam à escolha e ao modo da vida cristã, até ao cumprimento de si mesma e ao encontro definitivo com o Senhor Ressuscitado.

Uma última característica da visão ratzingeriana dos sacramentos respeita à comunidade cristã. Os sacramentos nunca são um acontecimento privado que se desenrola entre um fiel individual e Jesus Cristo: cada um dos sete sinais tem a sua posição eclesial, um contexto de vida e de fé, em que se coloca o acontecimento da graça que respeita a cada crente. Ninguém, nem sequer

um eremita ou outro apreciador da solidão, pode faltar no edifício de Deus, na Igreja Corpo de Cristo.

O número limitado de páginas não prejudica a clareza da exposição e o caráter exaustivo do tratamento. Este é um ótimo instrumento para abordar cada sacramento, para compreender e viver a contemporaneidade com Jesus, o elo de amor com Ele e com a sua Igreja.

*Elio Guerriero*